O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: **CAETANO ALBERTO DA SILVA**

Preços de assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte..	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1067

20 de Agosto de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

DR. JOSÉ FRANCISCO TRINDADE COELHO

NASCEU EM MOGADOURO A 17 DE JUNHO DE 1861 — † EM LISBOA EM 9 DO CORRENTE

CHRONICA OCCIDENTAL

Nos domingos e dias santos em que não haja corrida de toiros ou arraial, ou festa rija que venha fóra da baralha, o alfacinha não se aborrece á falta de distracções.

Em assomando os prenuncios do verão começam as feiras, que são sempre a mesma, mas armada em sitios diversos. Já quasi não resta memoria da feira dos Prazeres, acabou a feira das Amoreiras, foi-se a feira de Belem, mas lá está a feira de Alcantara, e lá temos agora a chamada feira de Agosto, que se estende por setembro e, por aquelle andar, ainda se hade estender até Campolide.

A feira teve sempre regalos para todos os apetites: theatros, restaurantes, cavallinhos, tombolas, barracas de comes e bebes, fantoches e pim-pam-pum, figuras de cêra e refrescos, queijadas da Sapa e tiro ao alvo, bazares e iscas de figado, o gigante e a mulher gorda, a rica pera cosida e o cangirão das Caldas, o gallo com tres pernas e a eirós de caldeirada.

Da geração de hoje, que tem ali a feira á mão de semear, ninguem sabe o que d'antes era para o alfacinha o prazer de ir á feira. Ia-se nos omnibus, que largavam do Pelourinho, aos solavancos; ia se de burro, e ia-se alugar o burro ao Poço do Borratem.

Não era só um passeio, era tambem uma aventura. Era, sobretudo, uma grande pandega.

Partia se de manhan cedo, p'la fresca. Ainda a essa hora não havia lojas abertas, nem sequer se sonhava o que podesse vir a ser a garotada dos jornaes d'agora, a correr e a gritar o *Popular!* e o *Illustrado!* por todas as ruas e travessas da Baixa, logo ao romper d'alva.

Era preciso chegar sempre primeiro, para se arranjar logar. Tomava-se bilhete com antecedencia. Faziam-se madrugadas. Deitava-se a gente mais cedo na vespera, para poder saltar da cama sem grande custo.

Por volta das nove horas, o mais tardar, já tudo estava em valle-de-lençóes, o marido e a mulher costas com costas, e cada uma das filhas, e o menino, e a creada, cada qual na sua cama feita de lavado por ser sabado, tudo com o nariz voltado para a parede e os olhos muito apertados, a chamar o somno mais depressa...

Somno que vinha, passava, e chegava ao fim num abrir e fechar d'olhos, para bem dizer. Somno sem sonho, leve, de sobresalto na realidade, a inquieta realidade d'uma grande ventura que vem perto, d'um vivissimo prazer que é certo e que não tarda.

Então se acordava, como se havia adormecido, com a alma aos saltos. Tudo era vivacidade, risota e chilreada.

Deitando a cabeça de fóra da porta do seu quarto, o menino Pedro era o primeiro a chamar pela Demetilia, pedindo agua no jarro. E a Demetilia, quando aparecia no corredor, saíndo da cosinha, onde estava a pentear-se e a mirar-se só com um olho no espelhinho redondo pendurado no caixilho da vidraça corrida para cima, vinha já com a sua cuia feita, toda crivada de ganchos, sua saia branca muito engomada e de imensa róda já vestida, a sua bóta nova de rangedeira já calçada...

Diz-se que ninguem esfrega um olho mais depressa que o diabo. Pois, mais depressa que o diabo esfrega um olho, estavam todos prontos, e todos cá em baixo, na rua, de nariz no ar, a sorver as frescuras da manhan, a caminho do sitio d'onde partia o omnibus.

Se fossem a direito, estariam lá em dez minutos sem ser preciso correr; mas estava combinado que passassem por casa das Mellos, associadas á patuscada, para seguirem todos juntos. E como as Mellos moravam no Largo dos Torneiros, tinha-se de dar aquella volta, que levava muito tempo.

Emfim, chegava-se! Mas quando se chegava, já os do alegre rancho não eram os primeiros. Outros, mais madrugadores, haviam chegado antes, e tinham tomado os cantos, que eram os melhores logares.

Um d'esses era o sr. Fortes, subordinado do nosso amigo Oliveira na Conservatoria, rapaz muito serio, optimo funccionario, pessoa de estimação. Mal reconhecia o seu chefe e sua familia, levantava-se do seu logar, vinha offerecer a mão ás senhoras para as ajudar a subir.

Quando todos estavam em cima, e o Pedrinho, a Demetilia e o nosso amigo Oliveira, procedia-se ás apresentações. E logo corria entre as senhoras, muito discretamente, como de mão em mão fechada corre um annel do jogo de prendas, a opinião de que o sr. Fortes «era um rapaz muito simpatico». E era.

Já então o cocheiro do omnibus — o Eleuterio,

o Augusto ou o Pingalho — passava uma ultima vista d'olhos ao redor do gado, apertava mais uma fivela dos tirantes, ageitava os ant'olhos a um dos cavallos, desembaraçava a rabeira do outro. E depois que tudo estava na aprumada, saltava para a almofada, puxava a si as redeas, pespegava de encontro á concha as solas das enormes botas de coiro branco, de salto de prateleira, fazia estalar com repuxada energia o chicote de cabo de marmeleiro por cima das orelhas afitadas dos cavallos, que logo arrancavam a bom tróte, arrastando comsigo todo aquelle ruidoso bambalhar de ferragens mal unidas, mólas pêrras, eixos mal azeitados, que era o velho omnibus rolando sobre a calçada aspera das ruas da cidade...

E os que ficavam em casa, e ainda estavam na cama, aferrados á modorra da manhan, nunca chegavam bem a atinar com o que aquillo era: se um terremoto, se a procissão do Ferrolho!

Depois, a feira! o chegar á feira! o passar o resto do dia e parte da noite na feira!

Não foi ella, a feira, como o era a do Campo Grande e a das Amoreiras, que envelheceu e se tornou insipida. Nós é que envelhecemos e nos tornámos insipidos, enfastiados e desdenhosos d'ella, ao ponto de termos levado uns poucos de annos a pedir á Camara que acabasse de vez com aquellas barracas, aquellas tascas, aquelles palanques, aquellas postas de peixe frito muito loiro a saltar, parecendo até que a saltar muito mais assim em postas e frito, do que quando inteiro e vivo.

Acabaram-se as outras para começar agora a de Agosto, ao cimo da Avenida, com a exibição de mil progressos, embelezamentos, e um luxo de coisas finas, que é mesmo querer dar cabo de tudo quanto ainda podesse ser laivo de tradição da feira antiga.

Bom e bonito é tudo o que por lá se vê e desfructa. Nem já lhe falta o theatro com panno de bôca de veludo, correndo em cortinado de ricas prégas; nem o restaurant com creados de casaca, que trazem as pescadinhas de rabo na bôca em bandejas de prata; nem o vermuth em vez do capilé e o absintho em vez do pirolito. O actor de feira, que só na feira se via e se aplaudia, já não é nada d'aquillo que foram os companheiros do Dallot e os interpretes do Jacobety: agora, só genios, e todos elles com o curso do Conservatorio, á espera que o *Diario do Governo* lhes traga a nomeação para societarios do Normal. As mulheres gordas, que eram outra especialidade da feira antiga, no tempo em que parecia que todas as outras eram magras, já não têm barraca; as pilulas Pink engordaram tanto as magras, que o que era d'antes raridade tornou se o que menos falta. E até nas barracas do tiro ao alvo, onde as espingardas eram d'aquellas que disparavam com uma enfiada de pardaes que vinham pousar-lhes no cano emquanto o atirador fazia a pontaria, já as armas de fogo são carabinas Winchester e outras assim parecidas...

Bons tempos esses em que se ia á feira no omnibus, e tudo era festa. O dia, memoravel, decorria entre alegrias. E á volta, ao caír da noite com um fiosinho de luar, a chiadeira das cigarras pela estrada fóra, e o pedido da filha mais velha do Oliveira em casamento pelo Fortes, rematava o gôso inexprimivel.

Hoje, com o carro electrico, e a feira onde a pozeram, está-se lá num instante e não ha tempo para nada. Nem á ida, nem á volta. Solteira que conte com ella para arranjar matrimonio, fica-se para tia!

João Prudencio.

DR. TRINDADE COELHO

O seculo xx com a radiação de suas maravilhosas e esplenderosas conquistas em todos os ramos da scincia, na industria e nas reivindicações sociaes, conjuga, desgraçadamente, o mais intratavel e feroz egoismo. Se no dilatado campo d'aquellas se avantaja e lança a barra adiante de todos os que o precederam, no estreito e deleterio ambito d'este avoluma-se extraordinariamente sobre todos e os tantos anteriormente volvidos para a historia, e póde bem dizer-se que infatigavel e insaciado corroe o negregado abutre, aninhado no coração humano, suas fibras mais intimas e contrabalança, e quasi sempre vence e domina as aspirações e sentimentos generosos.

Mas se assim succede com o geral da humanidade, revestindo o egoismo nas sociedades modernas o caracteristico de cancro inextinguivel e atrophiador do que ha de mais nobre e levantado na natureza humana, nos velhos, especialmente, em que elle foi sempre endemico, mais do que em tempo algum se denuncia nos tempos que vão correndo, alentado pela atmosphera em que actualmente se vive, e tão de feição lhe é. E' isto até certo ponto natural, e ainda em certo modo desculpavel, pois que filho e resultante da natureza e ordenação das cousas. O velho, como a creança com quem tantos pontos de contacto se assignalam, acostumado a ser como esta tratado com toda a solicitude e carinho, e a vêr que todas as vontades lhe são feitas, postas as suas forças phisicas e intellectuaes, cançadas e gastas, em paralelo com as ainda por desenvolver e firmar do menino, cria a convicção de que tudo lhe é devido, e que é elle o centro do systema em que se move, e cousa alguma, assim, se lhe torna mais querida e preciosa do que a propria existencia e seu possivel dilatamento e goso. Entibia-se-lhe e embota-se lhe, em tal modo, mais ou menos a sensibilidade para tudo o que sejam males e dôres estranhas, e quasi que a poupa, acautella e guarda em reserva para os proprios, sendo poucos os apertos de coração sentidos e as lagrimas derramadas e quasi que não outras que as a que movido e arrastado pelo proprio soffrer.

Pois, sendo assim, a mim velho como sou, e mais ou menos na corrente das cousas que deixo assignaladas, acrisolada ainda por muitissimas mortificações do corpo e do espirito, rapidas, irresistiveis, amargas e abundantes e dolorosissimas me romperam as lagrimas na manhã d'hoje ao deparar nas primeiras paginas dos diarios com a inesperada e acabrunhadora noticia do suicidio na tarde de hontem do dr. Trindade Coelho!...

Suprema, terrivel e angustiosissima empolgoume ella em todo o meu ser, e intima e profundamente o estremeceu e abalou não me acudindo á reminiscencia que, em meu já dilatado viver, me ferisse golpe que, não por pessoa a que adstricto pelos laços do sangue e de intima convivencia, tão fundo rasgasse...

E' que acostumara-me desde muitissimos annos, a contar dos em que de longe começára a vêr e a apreciar em Trindade Coelho um dos mais fulgurantes e benemerentes cultores da nossa litteratura até aos que de perto pude acendrar a devoção, que já lhe votava, com vêr e como que tactear a elevação de seus sentimentos, a pujança de sua intelligencia, a nobreza e isenção de seu caracter, e subordinação nitida e intemerata de seu sagacissimo e bem fadado espirito ao anhello e realisação dos mais suggestionantes e erguidos ideaes.

Fôra-se-me, em tal maneira, insinuando no animo a individualidade de Trindade Coelho, sob todos e os multiplos e diversissimos aspectos por que possivel encaral-a, multiplos e diversissimos, acabo de escrever, mas devo firmar que nem por isso menos harmonicos e convinhaveis e luminosissimos em seu conjuncto que ao presente, confesso-o em homenagem á pura e núa verdade, nenhuma personalidade no nosso meio social, quer politico quer literario, tão poderosa e irresistivelmente se apoderára de minha devotada e sempre crescente admiração, tornando-a como que um culto enleante e gratissimo.

Por mais do que uma vez e especialmente a proposito dos *Meus Amores* e do *Manual Politico do Cidadão Portuguez*, procurei eu traduzir em publico, quer no Occidente, quer no *Diario de Noticias*, e ainda na *Epoca*, a consagração que votava, incondicionalmente, ao dr. Trindade Coelho e o muitissimo, o tudo em que o considerava, como homem de letras, como publicista, como magistrado, cumpridor de seus deveres, e sobre tudo como «homem de um só rosto, de uma só fé», mas em tudo o que d'elle disse, sob estes differentes aspectos não alcancei o rastrear sequer o conceito que d'elle formava, e meu proposito firme era o de em um só escripto tratar de esboçar e tracejar, embora a largos liniamentos, o seu preeminente vulto, e com que boa vontade eu o faria para lhe dar assim em occasião propicia um testemunho, embora bem apagado, da veneração em que o tinha...

Tal intento conto ainda realisal-o, pois que sua morte não apagará para os dias que me restam de vida, de minha constante lembrança o muito que lhe queria, o muitissimo que o admirava, e este culto o continuarei á sua memoria.

Dada assim expansão, que bem necessaria me era, á dôr que vincou em mim o tragico acontecimento, e á saudade que por elle me será eterna, não me despeço de em artigo seguido encarar o lugubre e sentidissimo successo sob a feição dos motivos que o originaram, em mais de um modo bem caracteristica do lastimando meio em que vivemos, e bem frisante do desprezo a que n'elle votados os cidadãos que mais merecem...

Triste!

Lisboa, 10 d'agosto.

Rodrigo Velloso.

Centenario da Guerra Peninsular

O GENERAL SILVEIRA

Capitulo inedito da 2.ª edição do livro do coronel Ribeiro Arthur — *Theorias nas Casernas*.

Perfaz agora um seculo a epocha mais angustiosa da nossa existencia nacional. N'um penoso estado de decadencia, n'uma situação politica deploravel, vimos a patria invadida por exercitos oppressores, hespanhoes impulsionados pela tradiccional cobiça, francezes obedecendo ao orgulho victorioso com que a espada do seu grande imperador retalhava a Europa a capricho, e que vinham audaciosa e brutalmente dividir a nossa terra d'antemão conquistada.

O povo, que, apesar da sua ignorancia, tinha na alma latente a velha altivez, olhou, primeiro assombrado, para os invasores que politicos falsos e cobardes lhe mandavam receber como amigos pela bocca d'um principe a quem faltava a dignidade dos antigos reis portuguezes.

O estrangeiro, apenas seguro do seu provisorio dominio, tirou a mascara substituindo no castello de S. Jorge a bandeira das quinas pela fraceza, soltando então o povo de Lisboa, indignado, o seu primeiro grito de *Viva Portugal! Morra a França!* Este brado de revolta foi abafado por uma descarga das tropas de Junot, que subjugavam a capital, victimando alguns dos que o soltaram e obrigando o povo pela sua impotencia ao silencio. A indignação accordava porém o vigor do espirito nacional e o Porto correspondia á revolta da Hespanha n'um impulso, logo abafado pelo receio d'alguns, mas que teve energica repercussão por todo o norte do paiz, communicando-se depois ao sul com a mesma intensidade. Em julho de 1808 por todo o Minho e Traz os Montes proclamava-se, dia a dia, nas povoações, a independencia. O velho general Sepulveda, no dia 11, em Bragança, chamava ás armas e punha-se em relações com os generaes hespanhoes revoltados na fronteira.

No dia 19 era no Porto proclamado solemnemente o governo nacional do principe D. João.

Loison foi por Junot enviado a reprimir a insurreição, mas conseguindo ir d'Almeida a Lamego, teve de retroceder perseguido, desde Mensão Frio, pela ira popular.

Não havia tropas bem organisadas, mas havia armas na segunda linha, havia officiaes licenceados por Junot ao desorganisar o nosso exercito, e havia em todo o povo a ancia d'independencia e o odio ao invasor. Da colera popular resultaram excessos demagogicos prejudiciaes á defeza, mas era difficil disciplinar a exaltação d'um povo, na sua maior parte ignorante e fanatico. Victima das suas injustas desconfianças foi o illustre e infeliz Bernardim Freire, mas o povo resgatou as suas faltas pela mais corajosa abnegação, e pelo valor com que soube heroicamente combater educado pela salutar disciplina de Beresford.

Entre as figuras que commandaram a insurreição, uma avulta pelo muito que o seu valioso prestigio conseguiu dominar o povo armado, ficando o seu nome na tradicção do Douro a Traz os Montes, por toda a Beira, como o do campeão lendario da independencia, cantado em trovas, nunca esquecidas: foi Silveira.

Tenente-coronel e commandante de cavallaria 6, pertencendo á mais distincta nobreza, viu com pesar a dissolução do seu regimento por Junot e preferiu demittir-se a servir na legião, composta da flôr das nossas tropas, por este enviada de Portugal a servir nos exercitos napoleonicos.

Retirou-se Francisco da Silveira Pinto da Fonseca para a sua casa de Villa Real, e ahi estava quando rompeu a insurreição. Sepulveda chamou-o para reunir-se ás suas tropas, mas Silveira, que o facto da demissão tornara independente, poz-se á frente do movimento de Villa Real, reuniu tropas, passou o Douro e levantou por toda a Beira o estandarte da independencia nacional. Sepulveda irritou-se, mas Silveira, que sentia em si a forte energia do commando, recordava-se certamente de 1801 em que o seu regimento, obri-

gado á inação, assistia inutil á vergonhosa campanha, e resolvera capitanear um movimento energico contra o estrangeiro que opprimia a sua patria.

A junta do Porto, apreciando o seu valor militar, promoveu-o a coronel[1] dando-lhe o commando de cavallaria 6 reorganisado, e dentro em pouco Silveira commandava a vanguarda das forças reunidas por Bernardim Freire e enviadas a juntar-se ás tropas inglezas de Wellesley.

Como é sabido, não poderam por diversidade de planos entender-se os generaes inglezes e portuguezes então. Ficando os inglezes proximos do mar onde ganhavam em breve os combates da Roliça e do Vimeiro, e retrocedendo Bernardim Freire a guarnecer e defender o norte de Portugal.

Dos 2.600 portuguezes que o general deixou ás ordens de Wellesley e que entraram no combate da Roliça, fazia parte um esquadrão de cavallaria 6 sob o commando do capitão José Pessanha da Costa. O coronel Silveira foi pelos seus serviços promovido a brigadeiro e nomeado em 1808 governador da provincia de Traz os Montes, onde o seu nome, por tantos feitos notaveis e pela maneira porque soube commandar as suas tropas, ficou assignalado entre os dos mais illustres militares portuguezes.

O seu commando foi iniciado por uma energica e patriotica proclamação aos seus *Fieis e Valororosos Transmontanos*, da qual transcrevemos alguns periodos:

«Mandado repartir os vossos perigos e a vossa gloria, apresso-me em vos segurar, que preso, mais que tudo, a honra que d'esta tarefa me resulta, por superior que ella seja ás minhas forças e aos meus talentos; e que as demonstrações não equivocas da satisfação com que me recebestes lisongeiam extremamente o meu coração, constituindo-me em nova e sagrada divida do mais constante reconhecimento.

«O vosso valor, a vossa fidelidade não precisa incentivo que o levante, ou que o sustente, mas nem por isso devo omittir que o nosso augusto e legitimo soberano espera de vós a firmeza d'esse antigo e respeitavel throno que nossos maiores ajudaram a erigir.

. . . .

«Transmontanos! Vencer ou morrer é a brilhante alternativa que nos resta.

. . . .

«Funccionarios, soldados; payzanos de todas as classes, transmontanos geralmente, eu vos respeito, eu vos amo como a mim mesmo, mas nem por isso eu ou algum de vós será superior á Lei do Principe Regente, Nosso Senhor, ou poderá impunemente esquecer o seu dever; para todos os que o merecerem hei de requerer e obter o premio, mas hei-de repartir igualmente o mais severo castigo.

«Soldados: *sem subordinação não ha victoria:* os artigos de guerra serão rigorosamente observados principalmente contra os fracos e insubordinados. Aquelle que eu vir fugir, com a propria mão lhe arrancarei a vida que não merece; se eu fugir, fazei-me outro tanto.»

Terminava a proclamação, datada de Chaves, de 6 de fevereiro de 1809, exortando o povo a fazer causa commum com os hespanhoes na libertação do territorio patrio.

O marquez de La Romana, perseguido por Soult, penetrara na fronteira portugueza com 16.000 homens com que Silveira contava para defender a praça de Chaves, apesar do seu desmantelamento, mas o general hespanhol abandonou o á approximação de Soult que trazia um exercito de 25.000 homens com que procurava entrar em Portugal. Silveira, tendo pouca e ainda mal disciplinada gente, com diminuta cavallaria, não podia oppor-se em campo raso á entrada dos francezes, nem sustentar-lhe o combate detraz das arruinadas muralhas de Chaves, e depois d'uma escaramuça com a vanguarda franceza, retirou-se para as alturas de Villa Pouca d'Aguiar. A demagogia, ignorante das sciencias militares, insultou Silveira porque poupara prudentemente as suas tropas, e foram impotentes os esforços do general para contel-a. Retirou então para o abrigo da serra evitando a perseguição de Soult e deixou-os ao seu destino.

Os amotinados tiraram as armas dos depositos, correram ás muralhas em tumultuaria defeza, mas assim que se approximou o inimigo renderam-se vergonhosamente, quando a sua attitude parecia indicar estarem resolvidos a luctar sem treguas.

Emquanto Soult forçando Salamonde e o Carvalho d'Este conseguia em seguida tomar o Porto, fortificado, Silveira dispoz-se a retomar Chaves, o que conseguiu gloriosamente, merecendo que o severo Beresford apresentasse aos portuguezes como exemplo de subordinação e valor a retomada de Chaves. Foi apenas com os regimentos 12 e 24 d'infanteria e as milicias de Miranda e Moncorvo que Silveira atacou ousadamente a praça em que fez 1:300 prisioneiros e tomou 12 peças d'artilheria, muitas espingardas, munições e cavallos. Foi o primeiro chefe portuguez que infligiu aos francezes um verdadeiro revez.

Marechal Silveira Conde d'Amarante.

Beresford encarregou-o de guardar a estrada de Lamego e Silveira foi até Penafiel, atacando umas avançadas francezas, Soult vendo n'elle um obstaculo serio enviou as forças de Loison e Delaborde a batel-o.

A attitude exaltada, patriotica, mas impotente contra os soldados de Napoleão, do povo d'Amarante occasionou uma das mais bellas acções de Silveira: a defeza da ponte do Tamega.

Eram apenas 2.000 homens que tinham de oppor-se pelo espaço de 9 leguas ao ataque de forças aguerridas. Durou esta lucta heroica 14 dias. O primeiro ataque de Delaborde para forçar a passagem durou o dia inteiro, vieram ao general francez reforços chegando a reunir 12.000 homens, e dias successivos atacou debalde as baterias de Silveira. A 29 d'abril um impetuoso ataque de trez columnas francezas, não poude ainda vencer a resistencia heroica dos soldados de Silveira. Estas noticias chegaram a Soult que foi pessoalmente em auxilio de Delaborde para vencer aquelle tenaz obstaculo. No dia 2 de maio um espesso nevoeiro protegeu os francezes que, ao mesmo tempo que conseguiram chegar á cabeça da ponte e incendiar uma das nossas trincheiras, alcançaram que umas columnas, occultas pela sombra da nevoa, atravessassem o rio e fossem pela rectaguarda atacar as nossas baterias. Este imprevisto ataque desnorteou os soldados, que, tomados de subito panico, debandaram. Conseguiu ainda assim Silveira retirar em boa ordem com as milicias de Chaves, Villa Real e Miranda e salvar 4 peças d'artilharia. Beresford censurou Silveira por se ter deixado envolver, mas conhecidos todos os detalhes d'esta heroica e assombrosa defeza com tão fracos recursos, Silveira foi em breve promovido a marechal de campo e o titulo de conde de Amarante, a prova de gratidão do governo portuguez ao campeão esforçado, ao habil general.

Oito dias não eram passados e já as tropas reunidas de Silveira faziam de novo frente aos francezes pela Ovelha de Marão, por Gateães e Amarante.

A este tempo Wellesley atravessando o Douro com as suas tropas, punha fóra do Porto o marechal Soult, que mal soccorrido pelos seus generaes, teve de retirar apressadamente. As tropas portuguezas de Beresford cortavam-lhe o caminho pela estrada de Amarante, as milicias e a cavallaria dos generaes Silveira e Bacellar, embaraçavam-lh'o por Chaves e Villa Real, Soult querendo escapar a esta rede apertada, destruiu a artilharia e bagagem e evadiu-se phantasticamente pelas invias serranias de Montalegre, saltando a estreita ponte de Mizarella e enternava-se na Hespanha realisando a assombrosa retirada, que foi um dos seus melhores titulos de gloria.

Silveira continuou apoz a retirada de Soult guardando a provincia de Traz-os-Montes, e os seus officiaes e soldados já disciplinados e aguerridos ganhavam gloria e fama. A 4 de agosto de 1810 o capitão de cavallaria 12 Teixeira Lobo ficava brilhantemente victorioso n'um combate com os francezes em frente de Puebla de Sanabria e no dia 10 Silveira, de mãos dadas com o general hespanhol Taboada Gil, tomava este castello fazendo prisioneiro um batalhão suisso de 400 homens, que o guarnecia e tomando uma Aguia. Esta surpreza rapida foi realisada quasi á vista da divisão franceza de Serras.

Pouco depois entrava Massena em Portugal e Silveira encarregado de vigiar-lhe a rectaguarda dirigiu se com o seu pequeno exercito para as visinhanças d'Almeida. As milicias e a cavallaria de Silveira e a Leal Legião fizeram durante mezes ao inimigo encarniçada guerra. Silveira ganhava em 15 de novembro a acção de Val verde contra forças francezas muito superiores, que foram postas em debandada e depois as acções de Gamelas e Pereiro, egualmente victoriosas.

A situação de Massena batido no Bussaco e parado ante o obstaculo, invencivel para o seu exercito, das linhas de Torres Vedras, tornava-se insustentavel e em 4 de março de 1811 começava a sua retirada, perseguido pelo exercito anglo luso, despedindo-se de Portugal definitivamente, fazendo ir pelos ares a praça de Almeida.

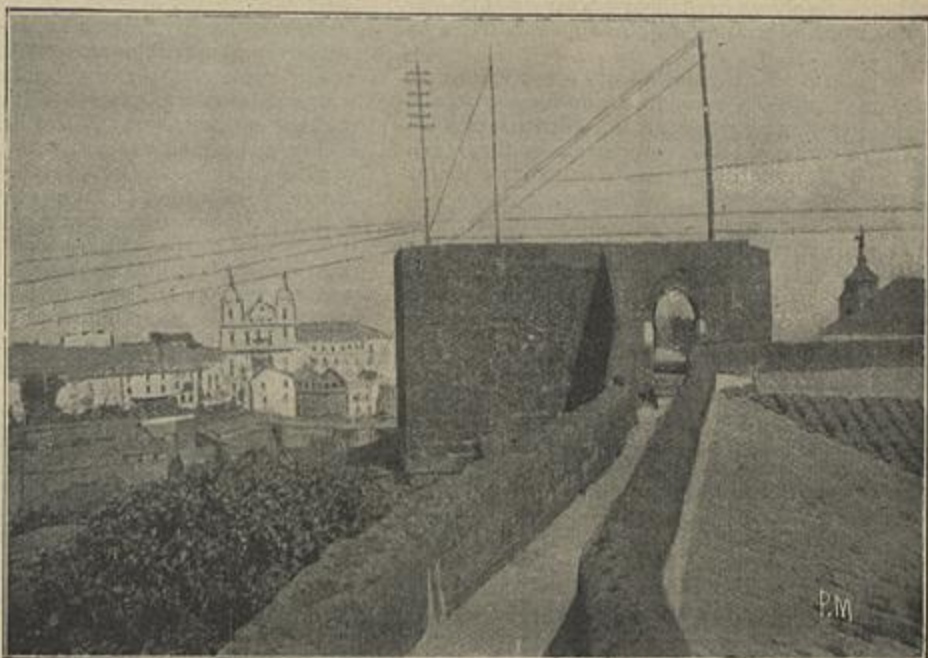
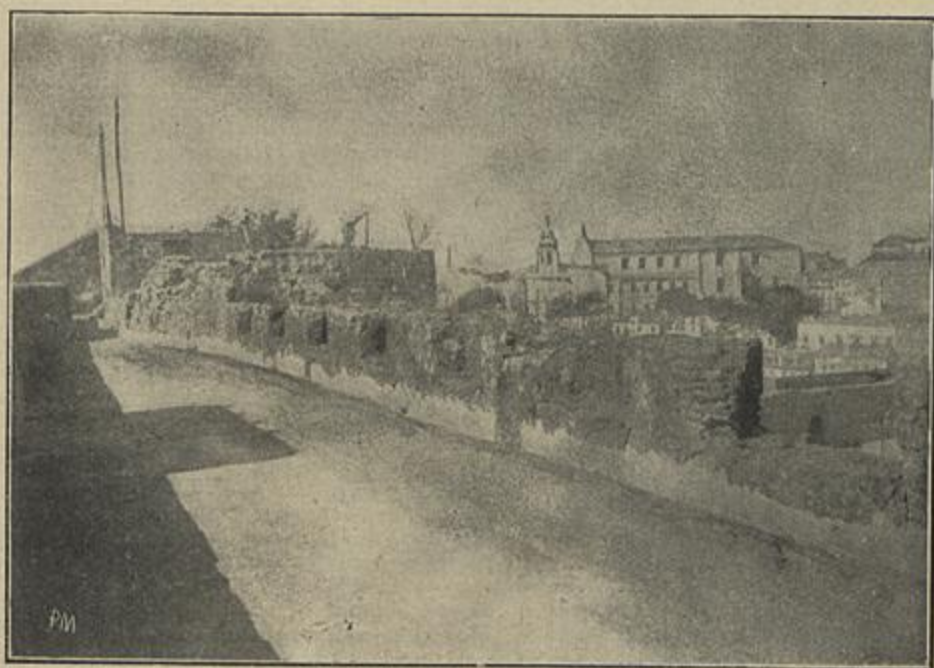
Não seguiremos o exercito anglo-luso atravez de Hespanha em perseguição dos francezes até Tolosa, mas lá vamos encontrar o tenente general Silveira já então conde d'Amarante commandando, por impedimento do general Hamilton, a *divisão portugueza* composta exclusivamente de brigadas portuguezas, e recebendo de Beresford um elogio na batalha da Victoria. Nos bloqueios de S. Sebastião e de Pamplona, que apesar dos valentes esforços das suas tropas, Soult, não poude libertar, encontramos defendendo a passagem das Mayas a divisão portugueza de Silveira e a divisão ingleza de Stewart commandada por Hill. Ali, durante os mezes de julho, agosto e setembro se travaram terriveis combates em que francezes, inglezes, portuguezes e hespanhoes rivalisaram na energia.

A 7 d'outubro o exercito anglo luzo atravessava o Bidassoa pisando victorioso a terra de França.

Silveira cuja divisa era — *vencer ou morrer* — cumpriu a promessa que fez «*Seja qual fôr o nosso destino, morrerei Portuguez e vassalo do Principe Regente Nosso Senhor.*

Homem de velhas crenças, as idéas liberaes não encontraram ecco na sua intelligencia, aliás esclarecida. Pela patria, tal a encontrara no berço, pelo seu rei, tal de direito o considerava, luctou até o fim da vida, e como elle luctou seu filho Manoel da Silveira, 1.º marquez de Chaves, que tambem muito se distinguiu na guerra peninsular.

Quando na sua casa de Villa Real, fallecia em

Porta junto á Torre de Ulysses, serventia do Paço da Alcaçova

Vistigios do Paço da Alcaçova sobre as muralhas primitivas e o compartimento onde existe uma cisterna

Ruinas de uma galeria ou salão do Paço da Alcaçova, junto á torre denominado do Tombo — Porta denominada de Martin Moniz

(Fotografias do sr. Alberto Lima)

maio de 1822, Silveira estava pobre, annos antes dizia n'uma carta singelamente:

«As minhas distracções no real serviço, não me têm dado tempo para verificar os papeis de familia e os bens e propriedades teem se damnificado pela confusão dos seus limites e identidades.»

Vizeu, 3-8 908.

Ribeiro Arthur.

O CASTELLO DE LISBOA

(Continuado do n.º 1066)

II

Ao entrar a porta que já descrevi, ha uma pequena ladeira, ao cimo da qual está a Torre chamada de *Ulysses*, á esquerda, a Torre que julgo foi a do *Tombo*, e junto á primeira, a porta, que era a segunda d'Alcaçova, e serventia do grande recebimento, ou pateo d'honra dos Paços Reaes.

Tinoco, no seu Mappa de Lisboa, feito no anno de 1650, lá tem, com o nome de Castellejo, indicado esse logar. As edificações que o circundavam, todas desappareceram no terremoto de 1755; uns casarões disformes as substituiram, de fórma que é difficil poder fazer uma idéa exacta da traça primitiva. Sobre as velhas muralhas haviam os Reis antigos construido os seus Paços, do módo como ainda se vê no de Cintra, onde cada Rei lhe juntava um pedaço conforme era necessario para o seu viver domestico. Diz Castilho, (quem poderá escrever sobre este assumpto sem ir encher a esta fonte a sua cantarinha?):

«Tenho para mim que o famoso Paço da Alcaço-«va, ou das Alcaçovas, não é como geralmente se «crê obra de el-rei D. Diniz; este rei seria o refor-«mador, o reedificador, o notavel ampliador, da «antiga habitação do moiro, frequentada por el-«rei D. Affonso Henriques; mas, que ella existia «muito antes do seculo XIV é mais que demonstrado. «Verdade é que só de D. Diniz em diante se en-«contram nos livros, memorias claras do Paço da «Alcaçova; até então provavelmente deserto, des-«presado pela vida elegante dos reis que habita-«vam quasi sempre Coimbra, erguia viuvo os seus «minaretes, e na penumbra dos salões desampa-«rados e sonoros curtia saudade amarga da bri-«lhante vida dos Va'is. Com a transferencia da «côrte para Lisboa, mudaram as circumstancias. «O pequenino palacio de S. Bartholomeu funda-«do por el-rei D. Affonso III pareceu mesquinho «albergue ao phantasioso trovador seu filho, e «ahi fez ninho de aguia o grande e magnifico «fundador dos estudos geraes.»

Se D. Diniz foi quem reedificou e reformou os Paços da Alcaçova, os reis que se lhe seguiram, foram tambem augmentando o explendor d'aquella vasta morada regia que infelizmente o terremoto de 1755 derrubou para não mais se erguer.

Mas, que estragos teria havido n'estes paços

Comemoração de Oliveira Martins

Joaquim Pedro de Oliveira Martins

Casa n.º 30, na Calçada dos Caetanos onde faleceu Oliveira Martins

nos anteriores terremotos de 1344, 1356, 1504, 1531 e 1536? E que edificações magnificas teriam ali destruido os terremotos muito anteriores, de 382, em tempo do Imperador Valente, e ainda o outro do anno 446 em tempo de Theodosio II? Escrever a historia do Castello, é escrever a historia de Lisboa, porque fossem quem fossem os seus fundadores, aquelle morro foi logo decerto escolhido para n'elle se construir o Castello, o logar seguro e dominadôr das planices que o cercavam.

Decerto Eliza, bisneto de Noé, (3:259 annos antes de Christo), quando fundou Lisboa (segundo dizem muitos historiadores nacionaes e estrangeiros mais ou menos avariados), se não lembrou de pôr no cimo do monte que domina a cidade, um casino para janotas, ou um hotel para forasteiros.

N'esse tempo não seria isso um desacato, não havia ainda *as tradições d'um povo a respeitar;* seria uma *asneira*, não era um crime de lêza-historia, como se intenta praticar agora, na occasião em que se vae reunir o congresso de historia em Londres. E já que fallámos em cousas tão antigas como Eliza, neto de Noé, não deixarei de recordar o que seriam, em tempos mais proximos, os explendores d'aquelles sitios no tempo dos gregos.

Das construcções militares gregas, ainda ha vestigios, e, das mouriscas, lá estão as muralhas onde assentavam as garridas paredes mais modernas das edificações da Alcaçova. Subamos ao adarve das muralhas, e d'ahi, seguindo velhas chronicas, narrações m/s, e, finalmente Castilho o glorioso chronista da nossa Lisboa, iremos, em mente, aqui e além, reconstituindo os antigos ex-

O Gabinete de trabalho de Oliveira Martins

(De fotografias)

plendores d'aquellas historicas ruinas. E' hoje, pela torre denominada de *Ulysses*, que se póde chegar ás muralhas do recinto chamado Castellejo, d'ahi seguiremos junto dos restos, ainda visiveis, da antiga Capella Real de S. Miguel, da qual diz Carvalho da Costa, a pag. 247 do 3,º vol. da sua *Chorografia Portuguêsa*, o seguinte:

«Está dentro deste Castello a Capella Real de «S. Miguel, onde está huma devota Imagem de «Christo crucificado, que dizem fallára com a «Rainha Santa Izabel, como consta do Agiologio «Lusitano, e modernamente o affirma o padre «Manoel Fernandes, da Companhia de Jesus, no «seu livro que se intitula *Alma Instruida*, no ca«pitulo que trata dos crucifixos miraculosos deste «Reyno. Esta Igreja era Capella Real no tempo «que os Reys assistião neste Castello; ha n'ella «huma Imagem de N. Senhora da Pobreza e ou«tra de Santa Barbara, que festejão no seu dia «os artilheiros.»

Assim tão crente e devotamente descreve o padre Carvalho esta Capella Real, que teve um esplendoroso culto, e que ainda no tempo d'el-Rei D. Sebastião era mui rica d'alfayas. Deviam constar do inventario que ficou quando as levaram para a Africa; como se póde vêr d'esta pequena noticia encontrada nas *Memorias d'el-Rei D. Sebastião*, a pag. 602:

«Como o intento del-Rey consistia em não vol«tar a Portugal sem ter rendido á sua obediencia «grande parte de Africa, escreveu que logo fos«sem remetidas *a sua Recamara, e Capella*, e ao «Duque de Bragança que promptamente partisse «com o maior numero dos seus vassallos, a cuja «ordem obedeceu com a brevidade de que lhe «foi possivel, sahindo de Lisboa a 18 de Setem«bro, etc.»

Voltariam ao Reino essas preciosidades?

Mas, seguindo o nosso caminho, ao deixarmos estes restos da muralha onde assentava a Capella Real, que, n'uma das vistas de Lisboa, justamente se vê n'este logar, e cuja fachada lateral ia do nascente para o poente, seguiremos um passadiço, entre telhados, e por elle iremos ao lanço da muralha, onde, muito para a direita, em baixo, se abre a historica *Porta do Monis*. Voltando á esquerda, entraremos no lanço do poente, *contra rressio*, como diz o auto da aclamação de el-rei D. João II:

«E se foram pelas escadas acima a huuã torre «do dito Castello que está sobre a cassa dos «lioões de contra rressio.»

(Continua). JULIO MARDEL.

OLIVEIRA MARTINS

Commemoração

Nem só pelos seus apreciaveis livros deve o nome de Oliveira Martins ser rememorado.

Embora esses trabalhos constituam como que um monumento, é sempre occasião de recordar o homem e a sua obra.

PREMIO OLIVEIRA MARTINS

No dia 24 do corrente mez passa mais um anniversario da morte do illustre escriptor. Costuma esta data ser commemorada pela entrega de um premio instituido, com o nome de Oliveira Martins, pelo sr. Guilherme Henrique d'Oliveira Martins, irmão do extincto, e concedido ao aprendiz de marceneiro mais applicado das officinas de S. José, de Lisboa. Ha neste premio uma delicadissima e intima homenagem. Era no officio de marceneiro que Oliveira Martins procurava ás vezes uma variante material aos seus trabalhos intellectuaes. Para descançar, entregava-se ao exercicio, como curioso, da marcenaria, encontrando nella a distracção desejada das especulações mentaes.

D'esta sympathia por um officio manual derivou a sua attenção para o operariado, que lhe deveu ensinamentos e exemplos, a que as classes trabalhadoras não fôram insensiveis na sua ultima hora, pois foi a voz dos operarios a unica que se ouviu á beira da sepultura de Oliveira Martins, celebrando-lhe as virtudes. A exaltação pelos pequenos é a mais consoladora.

A biographia do operoso escriptor portuguez é uma lição incomparavel de quanto valem a aptidão e a intelligencia, honradamente dirigidas.

Joaquim Pedro d'Oliveira Martins nasceu em Lisboa a 30 de abril de 1845, em uma casa na travessa do Pombal (hoje Rua da Imprensa Nacional), 84. Era filho de Francisco Candido Gonçalves Martins, 2.º official da Junta do Credito Publico, e de D. Maria Henriqueta Moraes de Oliveira.

Tendo fallecido seu pae por occasião da febre amarella, que no anno de 1857 assollou Lisboa, ficou Oliveira Martins orfão aos doze annos, tendo apenas alguns exames do Lyceu, e faltando-lhe os recursos para continuar os seus estudos. Em tão curta edade começaram para elle os duros trabalhos de lucta pela vida. Dedicou-se ao commercio, empregando no estudo as horas vagas. Trabalhava para si e mais cinco irmãos que, como elle, tinham apenas por patrimonio a memoria honrada de seu pae, que fôra um funccionario publico modelo. Só deixara de comparecer na repartição quando a febre amarella o empolgou, pois nessa época calamitosa nem um só dia abandonara o emprego, embora o flagello lhe viesse açoitando a familia, de que victimou algumas pessoas.

Em reconhecimento de tal dedicação nomeou o governo um filho do fallecido para o logar de amanuense na mesma secretaria, dispensando-o da necessaria edade, auxiliando assim os infelizes orfãos.

Conforme pôde, Oliveira Martins, foi completando a sua educação litteraria, adestrando se ao mesmo tempo na lucta pela vida, cujas difficuldades eram para elle um incentivo poderoso.

Pelo anno de 1870 estabeleceu residencia em Hespanha, como empregado da companhia das Minas de Santa Eufemia, em Cordova, onde se conservou até 1874. Veio depois para o Porto, e, fixando-se ahi, desempenhou o cargo de director da exploração do caminho de ferro do Porto á Povoa e Famalicão.

Em 1878 foi eleito socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, recebendo por essa occasião a medalha de ouro da Academia, distincções estas conferidas por decisão do jury do concurso a que apresentou a memoria *Circulação Fiduciaria*.

A Sociedade de Geographia Commercial do Porto o elegeu seu presidente em 1880, sendo-lhe depois conferido o titulo de presidente honorario. No mesmo anno a Real Academia de Historia, de Hespanha, lhe conferiu o diploma de socio correspondente, sendo tambem membro do Instituto de Coimbra. Nomeado para a commissão districtal do inquerito industrial do Porto, desempenhou nella o logar de relator. Em 1884 foi nomeado membro da direcção do Museu Industrial e Commercial da mesma cidade, e fez parte da commissão encarregada de propôr ao governo algumas providencias para melhorar a situação das classes operarias. Em 1888 a Associação dos Typographos do Porto offereceu lhe uma estatueta symbolisando o Trabalho, em tributo de reconhecimento pela protecção dispensada á classe.

A politica o attrahiu em 1885, fundando o periodico *A Provincia*. Em 1886 foi eleito deputado por Vianna do Castello. Em 1887, sendo deputado eleito pelo Porto, apresentou ao parlamento o seu projecto de lei sobre fomento rural. Antes do actual monopolio dos tabacos dirigiu a *régie*.

No estrangeiro egualmente illustrou o seu nome e o de Portugal. Assim, o representou em 1890 na conferencia internacional de Berlim e na da Propriedade Industrial de Madrid, onde em 1891 foi convidado para a conferencia realisada no Atheneu para a celebração do centenario de Colombo. Recebeu depois a gran cruz do Merito Naval.

Em 1892 foi nomeado ministro da Fazenda, gerindo a respectiva pasta desde 17 de janeiro a 27 de maio. Em 1893 foi eleito membro da Junta do Credito Publico, exercendo nessa alta corporação, sob a qual seu pae e seu irmão tinham servido como empregados publicos, o logar de vice-presidente.

Em 24 de agosto de 1894 finou se na sua residencia, na Calçada dos Caetanos, n.º 30, 1.º andar, pelas 6 horas e meia da manhã. Jaz em um elegante mausoléo erigido por detraz da capella do cemiterio dos Prazeres.

A esta biographia, que despretenciosamente reproduzimos para vulgarisação, devia accrescentar-se a bibliographia. Mas a sua extensão não se compadece com o espaço, e são bem conhecidas essas numerosas obras que constituem o melhor monumento, a mais firme memoria, ao illustre escriptor.

Bem andaria, comtudo, a camara municipal de Lisboa se numa ou noutra das casas, acima apontadas, onde nasceu e onde morreu Oliveira Martins, se lembrasse de collocar uma lapide commemorativa. Não tem a cidade moderna tantos filhos que como elle a illustrassem, mas nas novas ruas ha muitos nomes entre os quaes ainda se não lê sequer o do prestigioso historiador.

ESTEVES PEREIRA.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.º 1058)

IX

Um dia Veronica pediu-lhe que fosse ver um creado velho da casa Zaranegra que estava muito doente no hospital; haviam-lhe pedido que não fosse ao hospital, mas elle desejara ir, e haviam-lhe permittido fazer a sua vontade. Damer foi visitar o enfermo, que encontrou ás portas da morte com um cancro nos canaes alimentar e respiratorio.

— Se não fôr operado, morrerá n'uma semana — disse o inglez.

Nenhum dos cirurgiões do hospital se atrevia a fazer semelhante operação.

— Fal-a-ei, se m'o permittem — disse Damer.

Os cirurgiões consentiram.

— Restabelecer-se-ha Biancon? — perguntou Veronica, quando Damer voltou e lhe disse o que era passado.

— No estado em que se acha não pode viver uma semana — respondeu Damer evasivamente.

— E elle quer a operação?

— Não pode ser juiz. Não pode conhecer o seu estado. Não pode fazer o proprio prognostico.

— Mas vae padecer horrivelmente?

— Dar-lhe-hemos anesthesicos.

— Mas restabelecer-se-á?

— Madame, eu não sou senhor do destino.

— Mas o que é provavel?

— O que é certo é o homem morrer, se o deixarem no estado em que se acha.

Fez se a operação no dia immediato. O homem cessou de respirar, quando ella acabou; havia-o morto o choque do systema nervoso.

Quando Veronica soube que elle tinha morrido, desatou a chorar.

— Oh! para que, para que—disse ella apaixonadamente a Damer, no fim do dia — se sabieis que elle devia morrer, para que foi tortural-o nos seus ultimos momentos?

— Dei-lhe uma *chance* — respondeu elle, com indifferença. — De toda a maneira, não poderia sobreviver á operação mais que algumas semanas.

— Para que o atormentastes pois com ella? — disse Veronica com indignação.

— Era uma occasião rara e quasi unica. Resolvi por meio d'ella uma duvida que nunca de antes fôra solvida, e nunca poderia sel-o sem uma creatura humana.

Veronica affastou se de elle com horror.

— Sois um perverso — disse ella frouxamente.

— Oh! como eu quizera, como eu quizera, nunca ter-vos pedido que visseis o meu pobre Biancon! Podia ter vivido!

— Teria morrido com toda a certeza — disse Damer, sem commoção. — A vida de um homem aos sessenta annos não é objecto de muito valor, e creio que elle, em sua vida, não fez outra cousa senão polir os sobrados do vosso palacio com cêra ou azeite; não me lembro agora o que é que se usa em Veneza.

A condessa encarou o com um mixto de horror e medo.

— Mas vós mataste-lo — e podeis gracejar!

— Não o matei. A doença é que deu cabo de elle — tornou Damer, com tranquilla indifferença. — E o seu fim foi uma origem de conhecimentos. Desejaria que a minha morte fosse tão util. Ella estremeceu e fez-lhe signal para que a deixasse.

— Ide-vos, ide-vos, não tendes coração nem consciencia.

Damer sorriu-se ligeiramente.

— Tenho a consciencia scientifica; é tão boa como a consciencia moral, e presta melhor serviço.

— Para que trouxestes aquelle homem a Veneza? — disse ella a Adrianis, passadas algumas horas. — Matou o meu pobre Biancon, e não se lhe dá nada d'isso.

— Para que o recebeis? — disse Adrianis, sentindo a censura injusta. — Deixae de o receber. E' cousa muito simples, se o despedirdes, elle é soberbo; não insistirá.

«Não insistiria, mas havia de se vingar» pensou ella, porém não o disse, comquanto a sua vida fosse breve, tinha aprendido n'ella que os homens são como os explosivos, que não se podem arremessar uns sobre outros sem rebentarem.

Adrianis começou a desejar o exilio do companheiro, embora a sua lealdade o impedisse de tentar conseguil-o por meios ruins ou um ataque injusto. Andava mortificado e inquieto. Porque não havia tido paciencia, e esperado para levar as opalas á Cá Zaranegra até o inglez estar seguro no mar em viagem para Trieste? Começou a perceber que Damer tinha influencia na condessa Veronica, influencia contraria á sua, e adversa aos seus interesses. Não lhe ligou importancia por ver que era puramente intellectual; mas teria preferido que ella não existisse. E a condessa tambem.

Era uma influencia semelhante á que obtem o confessor sobre a sua penitente, contra a qual o marido, o amante, os filhos, todos os laços naturaes juntos luctam em vão.

Não é amor; sendo alheia ao amor, é frequentemente mais forte do que o amor, e deita por terra, mutilado e sem amparo, o deus Cupido. — Pedras de desgraça! Pedras de desgraça! — disse ella, olhando para as opalas n'essa noite. — Para que envolveste aquelle homem cruel na minha vida?

Podia banil-o, como Adrianis dissera, mas sentiu que nunca teria coragem para o fazer. Damer aterrava a. Ella sentia alguma cousa do que as pobres mulheres da Salpêtrière tinham sentido, quando elle as hypnotisara, e lhes fizera crer que fechavam nas mãos ferro em braza, ou estavam sendo puxadas por cordas para o cadafalso. Esforçou-se para resistir e dominar essa impressão, mas foi subjugado por ella contra a sua vontade.

N'essa noite verificou-se o enterro do seu pobre creado velho, cujo caixão n'uma gondola ella seguiu na sua, com os gondoleiros vestidos de luto e as tochas accesas á prôa.

Do alojamento da sua alta torre ao norte da cidade, que dava sobre a laguna para a ilha, que é agora o cemiterio de Veneza, com o seu alto campanile ao gosto de mesquita, e os seus altos muros do mar, Damer viu-a e reconheceu-a n'essa peregrinação de respeito ao humilde morto. Viu tambem o comprido escaler do yacht de Andreis, carregado de flôres, seguindo a gondola d'ella a pequena distancia, como se o seu dono fosse timido e incerto de bom acolhimento. Reconheceu-os ambos á claridade do lusco-fusco, e poude com o binoculo distinguir as suas feições, mãos e corôas, quando o clarão das tochas lhes dava em cheio, e a agua encrespada pelo vento batia de encontro ás bordas negras da gondola de Veronica, e ao costado branco do escaler.

«Duas creanças — pensou elle — nascidas uma para a outra, com suas flôres e fabulas e tolices! Melhor faria eu em as deixar uma com outra!»

Depois fechou a janella, e desviou a vista da agua prateada, das estrellas da noite e das embarcações que passavam.

Aguardava-o a sua tarefa. Amarrado a uma taboa jazia um cachorro da raça dos cães de pastor, que elle havia comprado a um camponez de Mazzorbo por um franco; tinha-lhe cortado as cordas vocaes, no seu proprio calão, havia-o tornado aphonico, tinha-lhe aberto o corpo, e virado para fóra os rins e o pancreas; estava vivo; calculava que elle viveria na sua muda e desapiedada agonia ainda mais doze horas; — tempo sufficiente para a experiencia que estava para fazer.

Taes eram os estudos, por causa dos quaes elle tinha vindo para a torre situada nos Fondamenti.

O som agudo dos martellos e o barulho das fornalhas abafavam os gritos dos animaes que não convinha tornar aphonicos, e a gente do bairro andava muito atarefada na sua labutação para dar noticia das creaturas mortas ou meio mutiladas que elle arremessava á agua.

(Continúa). ALBERTO TELLES.

NECROLOGIA

Padre Joaquim Ferreira Borges

Um luctuoso acontecimento encheu de consternação os habitantes da importante e laboriosa povoação da Nazareth pela irreparavel perda de um seu dilecto e prestante conterraneo o rev. padre Joaquim Ferreira Borges, reitor da Real Egreja de Nossa Senhora da Nazareth e capellão fidalgo da Casa Real.

Filho de Carlos Ferreira Borges e de D. Maria de S. José Mafra, nasceu em 1825 no local denominado o *Sitio*, ponto elevadissimo e sobranceiro á formosa praia da Nazareth.

Este benemerito eclesiastico prestou os mais relevantes serviços á egreja pelo espaço de 58 annos, quer no logar de capellão, quer no de reitor d'aquella casa.

PADRE JOAQUIM FERREIRA BORGES

Foi um sacerdote probo e honesto que honrou a sua classe, enaltecendo na tribuna sagrada e fóra d'ella o culto votado ha seculos á miraculosa imagem da Nazareth. A maior parte dos habitantes do *Sitio* devem-lhe muito, porque lhes ensinou as primeiras lettras gratuitamente.

Pelas suas excellentes qualidades e pontualidade no desempenho das suas funcções, em que era inexcedivel, adquiriu as sympathias geraes.

Os forasteiros que visitavam o Sanctuario, sahiam encantados pela maneira como os acolhia, descrevendo minuciosamente a lenda da imagem e mostrando ufano as ricas alfaias que lhe serviam de adorno, dadivas generosas da devoção dos fieis que recorriam á protecção da Virgem.

No mez de setembro, por occasião das festividades em honra da Virgem da Nazareth e da chegada dos tradicionaes cirios, era ver o contentamento com que elle, na sua qualidade de reitor, os recebia e acompanhava, deixando em todos os romeiros as mais gratas impressões. O cirio da Prata Grande, nas lôas cantadas por tres anjos, em setembro do anno passado, ahi falla d'elle, como n'um presentimento, quando se despedia do Santuario n'estes termos:

Adeus Templo Real,
Adeus imagens sagradas,
Adeus divino Senhor,
Symbolo da nossa fé,
Adeus reverendo reitor,
Adeus Senhora da Nazareth.

No dia do seu funeral, a 30 de junho ultimo, pois falleceu a 29, dia de S. Pedro, a maior parte da povoação, cerca de 3:000 pessoas, deram testemunho da estima e dedicação que lhes consagravam acompanhando-o á sua ultima morada no cemiterio da Pederneira.

Descance, pois, em paz o virtuoso sacerdote que foi um modelo da sua classe, tanto no cumprimento dos seus deveres religiosos e civicos, como na simplicidade e modestia do seu viver.

ABRANCHES.

Destruição do aerostato «Zeppelin»

Ha tempos que o alemão conde de Zeppelin se empenhava na construção dum aerostato dirigivel de seu invento, e algumas esperiencias feitas com resultado davam a esperança da solução do problema, o que já preocupava um tanto os aeronautas francêses pela superioridade do invento do conde de Zeppelin.

De facto anunciou-se para o dia 5 do corrente uma ascenção difinitiva do novo dirigivel, a qual se realisou á 1 hora da manhã, em Maunhein, elevando-se o balão a grande altura, devendo seguir a direção do Rheno, mas a breve trecho dirijiu se na linha do vale de Nickar, parecendo seguir para Friedrichshafen por Stuttgart. Tres horas depois da ascenção aparecia sobre Besighim, onde muito povo corria a ver o formidavel aerostato. Em breve, porém, este tomou a direção de Ludwigsburgo e aqui foi recebido com grande alvoroço pelos habitantes que aclamavam o aeronauta seu compatriota.

O balão, seguindo a sua derrota, chegou a Stuttgart pelas 6 horas e um quarto, onde o esperava festiva recepção do povo que aclamava o conde de Zeppelin, emquanto a artilharia de Cannstadt salvava com 24 tiros e os sinos da cidade repicavam alegremente.

O balão seguia triunfante, e na barquinha viam-se alguns passageiros, ainda que poucos, devendo outros, talvez, irem nos beliches, pois o grande aerostato tinha todas as acomodações mais indispensaveis.

Em Echterdinzen, porém, o aerostato desceu por causa de avaria nos motores, e não tardou que fosse cercado pelo povo, em numero superior a 40:000 pessoas, sendo preciso estabelecer logo um cordão de tropa para conter a multidão.

O aerostato deitou ferro e centenares de mãos seguraram-lhe todas as amarras, emquanto alguns operarios reparavam as avarias sofridas. Entretanto o conde de Zeppelin fôra descançar para um hotel.

Cerca das 3 horas da tarde refrescou o vento e principiou a puxar pelo balão, que a custo era sustido pelas pessoas que seguravam as amarras. O vento, cada vez mais forte, acabou por fazer soltar a ancora, e as mãos de tanta gente foram impotentes para resestir a um arranque impetuoso que o aerostato deu impelido pelo vento, que logo o elevou a mais de 1:500 metros de altura.

Foi geral a surpresa e grande a consternação do povo que assistia receando pela sorte de dois operarios que tambem tinham sido arrebatados e que estavam procedendo ao concerto dos motores.

Alguns minutos depois desta subita ascenção, o aerostato descia rapidamente proximo de Stuttgart, divisando-se-lhe uma chamasinha azulada a que sucedia fumo e logo uma forte explosão.

Em poucos minutos ficou destruido o aerostato dirigivel *Zeppelin!*

Do desastre ainda escaparam com vida os dois operarios, que foram encontrados na barquinha, mas gravemente feridos.

Quando a terrivel noticia chegou ao hotel onde se encontrava o conde de Zeppelin, estava este recebendo as felicitações de uma comissão popular. O contraste não podia ser mais triste, e o conde de Zeppelin ficou completamente abatido, chorando o malogro de tanto trabalho e locubrações, em que fundara tão prometedoras esperanças.

Entretanto a ideia do conde de Zeppelin não ficará perdida, porque na Alemanha trata-se já

Destruição do Aerostato ZEPPLIN

Conde de Zepplin

O aerostato dirigivel «Zepplin» descendo em Echterdinzen

de iniciar uma subscrição nacional para fazer um novo aerostado, e neste sentido o conde de Zeppelin recebeu o seguinte telegrama do *Kronprinz*:

«Sinto-me feliz em lhe comunicar que se constituiu uma comissão, a que tenho a honra de presidir, para auxiliar a reconstrução do seu aerostato. O imperador prometeu contribuir com uma boa quantia. Visital-o-ei em breve, caso seja possivel.»

O balão dirigivel *Zeppelin*, é talvez a maquina aerea mais complicada das que se tem inventado, e se ella se realizar dentro do campo pratico, será de utilidade incalculavel, resolvendo o grande problema da navegação aerea. Estamos, porém, em crêr que tal problema se resolverá por forma bem simples, ou nunca será um facto.